

EDITORIAL

LDBEN: ebulições e contradições

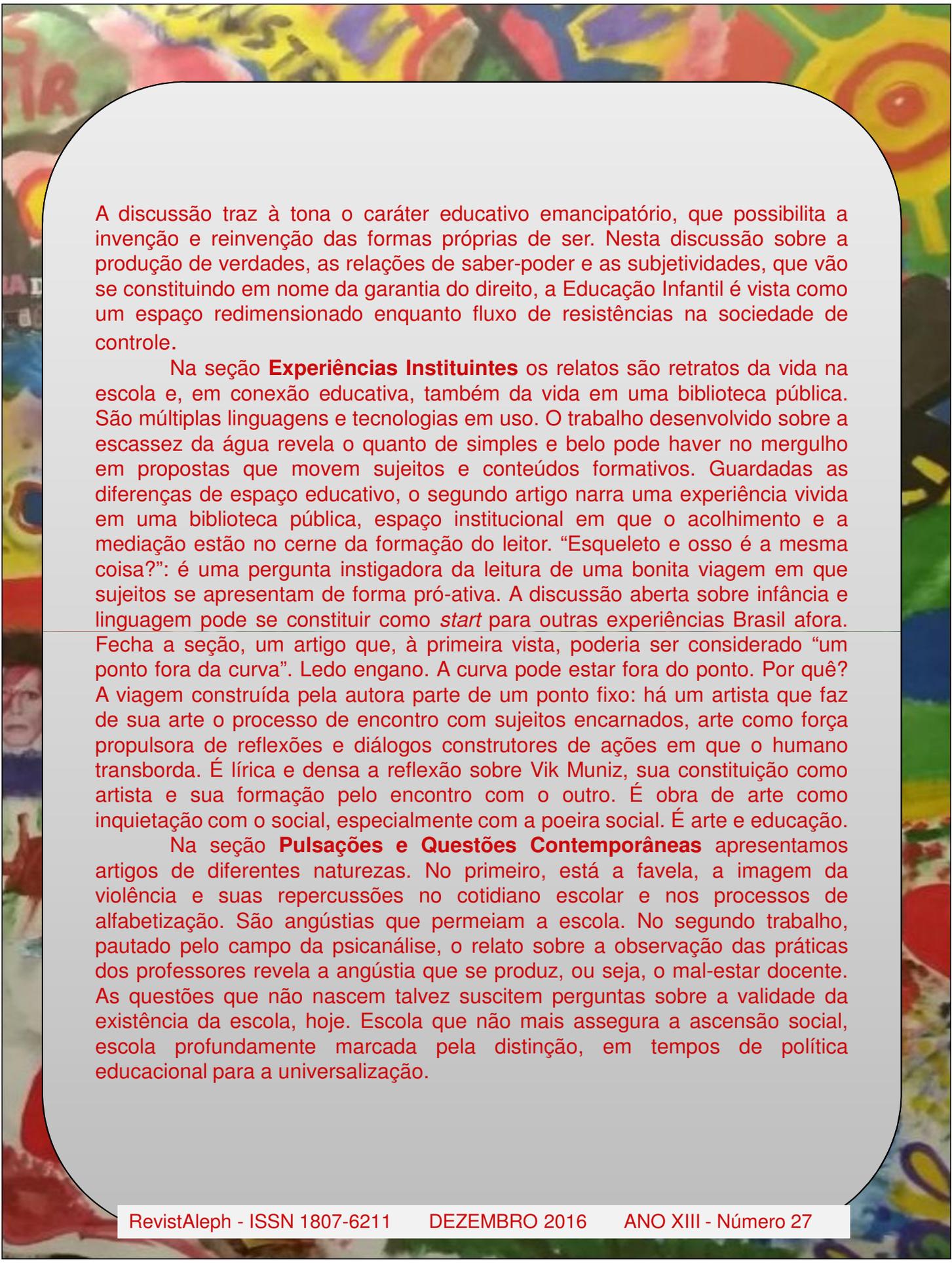
Olhares mais atentos, sinais e indícios captados com mais cuidado, conexões de sentido lastreadas pela literatura mais consistente. Estas são algumas das condicionantes que fazem da releitura do movimento da sociedade um exercício mais do que necessário, pois quando forças historicamente hegemônicas se reapresentam, os embates ficam mais intensos e explícitos na sociedade, suscitando movimentos de resistência que buscam garantir direitos e conquistas. A conjuntura nacional está plena de mobilizações sociais em prol da garantia dos direitos na educação e é em ebulição que abrimos o nº 27 da revista.

A escolha da temática que dá corpo ao Dossiê deste número da RevistAleph – os 20 anos da LDBEN/96 – se fez oportunizando o debate sobre o movimento da busca de modernização em que pese os sinais do atraso que ainda nos atrelam, especialmente quando se faz presente a marca de uma construção social feita “pelo alto”. Com este norte, temos, neste número, um conjunto de trabalhos nascidos de diferentes processos que nos levam a refletir sobre educação e avanços, mas também sobre entraves e limitações. Assim, o que ora lhes apresentamos traz a marca da reflexão crítica, a que vasculha os dados de realidade, mas não se descuida dos sinais de conquistas. São artigos em que se vislumbram faíscas de uma construção educacional sob a marca dos movimentos instituintes.

Como uma “*avant premier*”, a edição se abre com um aporte ao filme “Pro dia nascer feliz”, de João Jardim, em um voo a céu aberto feito por conexões com o movimento “Ocupe”, uma onda recente que se expande como forma de resistência e de luta. A seguir, apresentamos uma entrevista em que a relação educação-pobreza foi analisada por lentes outras, que nos instigam a construir pontes críticas com a realidade brasileira.

Já no **Dossiê**, temos artigos que expressam uma realidade que se demonstra aquém quando a “conversa” se expande e nos deparamos com o estudo, realizado a partir de números, no qual é abordado o cumprimento da obrigatoriedade legal de atendimento à demanda de matrículas nas redes municipais. O diagnóstico, construído a partir de dados quantitativos das prefeituras do estado do Rio de Janeiro, falam por si só; os números demonstram a distância entre o real e o proclamado.

Fechando a seção, temos dois artigos que colocam a educação infantil na “roda de conversa”, como um direito da infância, um avanço para além da Constituição de 1988.



A discussão traz à tona o caráter educativo emancipatório, que possibilita a invenção e reinvenção das formas próprias de ser. Nesta discussão sobre a produção de verdades, as relações de saber-poder e as subjetividades, que vão se constituindo em nome da garantia do direito, a Educação Infantil é vista como um espaço redimensionado enquanto fluxo de resistências na sociedade de controle.

Na seção **Experiências Instituintes** os relatos são retratos da vida na escola e, em conexão educativa, também da vida em uma biblioteca pública. São múltiplas linguagens e tecnologias em uso. O trabalho desenvolvido sobre a escassez da água revela o quanto de simples e belo pode haver no mergulho em propostas que movem sujeitos e conteúdos formativos. Guardadas as diferenças de espaço educativo, o segundo artigo narra uma experiência vivida em uma biblioteca pública, espaço institucional em que o acolhimento e a mediação estão no cerne da formação do leitor. “Esqueleto e osso é a mesma coisa?”: é uma pergunta instigadora da leitura de uma bonita viagem em que sujeitos se apresentam de forma pró-ativa. A discussão aberta sobre infância e linguagem pode se constituir como *start* para outras experiências Brasil afora. Fecha a seção, um artigo que, à primeira vista, poderia ser considerado “um ponto fora da curva”. Ledo engano. A curva pode estar fora do ponto. Por quê? A viagem construída pela autora parte de um ponto fixo: há um artista que faz de sua arte o processo de encontro com sujeitos encarnados, arte como força propulsora de reflexões e diálogos construtores de ações em que o humano transborda. É lírica e densa a reflexão sobre Vik Muniz, sua constituição como artista e sua formação pelo encontro com o outro. É obra de arte como inquietação com o social, especialmente com a poeira social. É arte e educação.

Na seção **Pulsações e Questões Contemporâneas** apresentamos artigos de diferentes naturezas. No primeiro, está a favela, a imagem da violência e suas repercussões no cotidiano escolar e nos processos de alfabetização. São angústias que permeiam a escola. No segundo trabalho, pautado pelo campo da psicanálise, o relato sobre a observação das práticas dos professores revela a angústia que se produz, ou seja, o mal-estar docente. As questões que não nascem talvez suscitem perguntas sobre a validade da existência da escola, hoje. Escola que não mais assegura a ascensão social, escola profundamente marcada pela distinção, em tempos de política educacional para a universalização.

Por isso mesmo, no terceiro artigo a discussão retorna aos basilares da educação nacional. Anísio Teixeira dá lastro à reflexão feita sobre as práticas escolares e as demandas produtivistas consideradas, a partir do grande pensador, como uma (de) formação. Mas, a “rebeldia” incita a catapultar a “educação menor” para o patamar de “educação maior”, buscando romper com as políticas limitadoras a uma única esfera de eficiência. A proposta da autora envolve a coragem para experimentar novas e outras expressões de estética formativa como autoformação e transformação.

Fechamos este número com uma reflexão acerca dos discursos hegemônicos sobre o direito à educação, em que o conceito de cidadania está problematizado à luz da legislação que, neste trabalho, parte do pressuposto de uma perspectiva discursiva monológica e universalista que não considera as diferentes realidades sociais em suas perspectivas políticas e econômicas.

Esta é a edição nº 27, que encerra um ano marcado por conquistas fundamentais para a consolidação da RevistAleph como um importante veículo de socialização de conhecimentos instituintes. Temos motivos mais que fortes para comemorar sua existência e importância no campo da educação, do ensino e da cultura. Para além do desejo que de que façam uma boa leitura, também desejamos que os trabalhos aqui socializados ganhem asas e voem por espaços, por instituições e, sobretudo, que alcem voo entre os educadores comprometidos com a educação brasileira. Bons voos!

APOIOS

